

VÁRIAS MULHERES ÓRFÃS E SUAS LETRAS SEM DESTINOS, OU: PENSANDO SOBRE LITERATURA A PARTIR DA MINHA AVÓ

Isabella Giordano Bezerra¹

Tenho pensado na minha vó Zilma. Me pergunto se a origem desse nome me permitiria um retorno à origem de minha avó. Crio em minha cabeça toda essa fantasia de uma árvore genealógica em que eu pudesse ser um eco, em que ressoasse em mim uma verdade de uma família antiga. Mas Zilma era órfã. Sua vida não se fundou em um tronco seguro de uma árvore ancestral. Ainda assim, ela se propagou de uma forma que só as órfãs sabem se propagar.

Em algum momento da minha vida descobri que minhas primas não eram minhas “primas”. Zilma havia tido três filhos e tinha acolhido tia Naira como uma quarta filha. Tia Naira teve duas filhas: Monique e Cintia, criadas por Zilma como netas. Monique e Cintia tinham também algo de ilegítimo, eram filhas de pais diferentes e nenhum deles assumiu a paternidade. Passei a infância acreditando que elas eram mais netas que eu, visto que elas moravam todas na mesma casa, dividiam o mesmo quarto e até a mesma cama (era uma casa pequena). “Serem mais netas que eu” não era um problema na minha cabeça infantil, era apenas uma constatação de que algo diverso se passava entre todas aquelas mulheres órfãs. Eu fui embora para outro estado, minha avó morreu e Monique herdou as pombas giras e as pretas velhas. Penso nessa herança não hereditária como um modo de espalhamento de Zilma que, como uma boa órfã, ramificava-se através de relações que não eram de filiação, mas de alianças. Na ausência de uma tradição e uma árvore genealógica, minha avó produzia um bando.

Tendo a acreditar que toda escritora é, em alguma medida, uma órfã. Penso isto ao ler *Madwoman in the attic*. Nesse livro, Gilbert e Gubar falam sobre a diferença da angústia sentida por escritores e escritoras no processo de produção literária. As teóricas remetem a uma análise em que Harold Bloom afirma que os escritores sentem uma “ansiedade de influência” em relação aos seus predecessores. Segundo Bloom, os escritores estão constantemente querendo afirmar sua autenticidade a partir de um afastamento ou uma divergência em relação aos grandes nomes da tradição. Para isso,

¹ Doutoranda em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Texto produzido com auxílio de bolsa da CAPES. Giordano.bella@gmail.com

Bloom faz uma análise psicanalítica, associando tal movimento ao mais repetido mito familista do ocidente: o complexo de Édipo, o filho que precisa matar o seu pai.

Por outro lado, Gilbert e Gubar afirmam que as mulheres enfrentam outro tipo de sentimento: a “ansiedade de autoria”, a sensação da incapacidade de escrever, o medo de ser uma precursora. A pesquisa das teóricas parte de autoras do século XIX, contexto em que havia poucas referências de escritoras. As mulheres que se aventuravam pelas letras precisavam fazer isso a partir de uma lógica de relação que definitivamente não poderia ser familista e mortífera. Essas autoras, como boas órfãs, também precisavam produzir bandos. Nesse sentido, a lógica da autoria feminina é necessariamente a da aliança. Como toda órfã é uma precursora em potencial, tenho comigo a imagem dessas várias mulheres órfãs fazendo correr letras sem destino, letras que poderiam desenhar um bando por vir.

A possibilidade de instituir uma comunidade (de leitores) ilegítima através de uma circulação aleatória da letra é o que Rancière entende como a democracia da literatura. Para o teórico, a letra da escrita literária é escorregadia, ela escapa da materialidade do seu traçado² e, com isso, pode atravessar os corpos. A obra escrita tende a se tornar autônoma, órfã em relação ao seu autor. Furtando-se ao diálogo e à negociação, a letra órfã é clandestina, ela não pede licença para passar e escapa às convenções de filiação, fronteiras e hierarquias. Não se sabe de onde ela vem, ela é sem autor e sem origem.

Tudo corre pelo corpo do texto sem que ele necessariamente signifique um corpo verdadeiro. Em relação à escrita (filha) legítima, a literatura efetua uma traição: expõe que por trás das palavras não há corpo, mas apenas outras palavras. Palavras na superfície do texto, organizadas em um corpo textual, e palavras na suspensão da superfície, desorganizadas, saltando para todos os lados, como que enlouquecidas.

A palavra-organizada e a palavra-enlouquecida permitem uma outra forma de relação com a alteridade, no sentido de poder tornar perceptível o que passava batido. Se a filiação é um método de constituir comunidades legítimas que se afirmam como universais, ela também se funda na violência das generalizações sobre o Outro a partir de si mesma³. Seja por assimilação ou aniquilação, a comunidade legítima recusa o Outro como elemento da relação, ela acredita que pode chegar sozinha às conclusões sobre quem quer que seja.

² *Políticas da escrita*, p. 109.

³ Extensão e filiação, em: *Poética da relação*.

Porém, as letras órfãs fogem à lógica das comunidades legítimas, elas são errantes e, como afirma Glissant (2021), a errância é o chamado da Relação. As letras órfãs produzem povoamentos por contágio. Elas acolhem Nairas e criam Moniques, como uma rede mágica que não precisasse de um fundamento ancestral para se propagar. Não existe justificativa para a produção dos bandos ilegítimos, não há um porquê. Apenas essa convergência entre corpos que aceitam a proposta da órfã de suspender as convenções que definem o que é possível e o que é impossível.

Penso na minha avó dormindo com Naira, Monique e Cíntia na mesma cama e como, talvez, o que a letra órfã permita seja justamente que se viva nessa liminaridade em que mulheres, meninas e velhas dividem o leito com a naturalidade dos lobos que dormem juntos. Chego a acreditar que a zona de vizinhança entre a vida órfã e a vida literária diga respeito a uma disponibilidade a um devir-animal. Mas também sempre há um pacto com um demônio⁴. É preciso um esforço para que os lobos não se tornem cachorrinhos e por isso um feiticeiro sempre anda nas margens da matilha:

Os feiticeiros sempre tiveram a posição anômala, na fronteira dos campos ou dos bosques. Eles assombram as fronteiras. Eles se encontram na borda do vilarejo, ou *entre* dois vilarejos. O importante é sua afinidade com a aliança, com o pacto, que lhes dá um estatuto oposto ao da filiação (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 29).

No final das contas, a literalidade também necessita de um quê de feitiçaria. Não é à toa que Platão condenava a escrita na mesma medida que condenava os oráculos. É que eles falam muito, mas essa voz não se sabe de onde vem, por trás dela não há corpo algum. Esse é o motivo pelo qual Rancière qualifica a escrita como letra morta, mas também é por isso que a letra órfã é muda ao mesmo tempo que é tagarela. É o elemento demoníaco da letra que caracteriza sua literalidade, no sentido de que é o seu caráter fronteiro que permite que ela corte as próprias lógicas da arte e, com isso, efetue disjunções contínuas. Através de tal feitiçaria é possível, por exemplo, que o bando lupino produza também lobisomens.

Mas se por trás das palavras não há corpo verdadeiro, os corpos não deixam de serem atingidos e desestabilizados. É muito em função desse atravessamento que gosto de pensar na partilha do sensível. Em *Cartografia sentimental*, Suely Rolnik reflete

⁴ *Mil platôs*, vol. 4, p. 26.

sobre os encontros desestabilizadores. Segundo ela, caminhamos pelo mundo vestindo máscaras que garantem uma expressão organizada de si. Porém, no suspender das máscaras também não há um rosto verdadeiro, apenas partículas afetivas enlouquecidas. E mais: determinados encontros desestabilizam a consistência das nossas máscaras, fazendo com que elas percam o sentido, e colocam para saltar, para todos os lados, as intensidades afetivas. O poder de suspensão da literatura que Rancière aponta encena aqui o papel de produtor de excesso e de insuficiência: excesso de afetos e insuficiência de máscaras.

É dessa forma que os enunciados literários chegam a fazer efeito no real⁵. Eles não apenas desestabilizam o que está dado enquanto máscara, mas também permitem outros regimes de intensidade e, conseqüentemente, outros regimes de verdade. Eles não apenas disponibilizam novos modelos de palavras ou de ação, mas oferecem algo muito mais poderoso: um meio de produção e uma matéria de expressão.

As letras mudas se tornam matéria para a composição de novas máscaras, deslocando o sujeito da modelização identitária e lançando-o em processos de subjetivação. É claro que a cultura oferece “um sistema de formas *à priori* determinando o que se dá a sentir” (RANCIÈRE, 2009, p. 16). Esse sistema *à priori* diz respeito a um conjunto de máscaras à venda, pré-prontas, que possuem um valor de mercado e são necessárias para ascender na hierarquia existencial⁶. Mas a letra órfã, por outro lado, está comprometida com outra coisa:

tais formas revelam-se de saída comprometidas com um certo regime da política, um regime de indeterminação das identidades, de deslegitimação das posições de palavra, de desregulação das partilhas do espaço e do tempo (RANCIÈRE, 2009, p. 18)

Através da metamorfose da palavra tagarela em afeto, qualquer um pode sair dos trilhos e ser atravessado: a literatura põe para funcionar/enlouquecer qualquer corpo organizado, transformando-o em um corpo sem órgãos, um corpo que é todo de intensidades. E, através da metamorfose das partículas afetivas em palavra muda, qualquer um pode se tornar artesão de possíveis: a palavra se torna matéria de expressão. Esse movimento que não reconhece as convenções da partilha do sensível é a

⁵ *Partilha do sensível*, p. 59.

⁶ *Cartografia sentimental*.

expressão da revolta literária e é, também, o motivo da revolta com a literatura e da tentativa de aprisioná-la em uma escrita mais que escrita ou em uma escrita menos que escrita⁷.

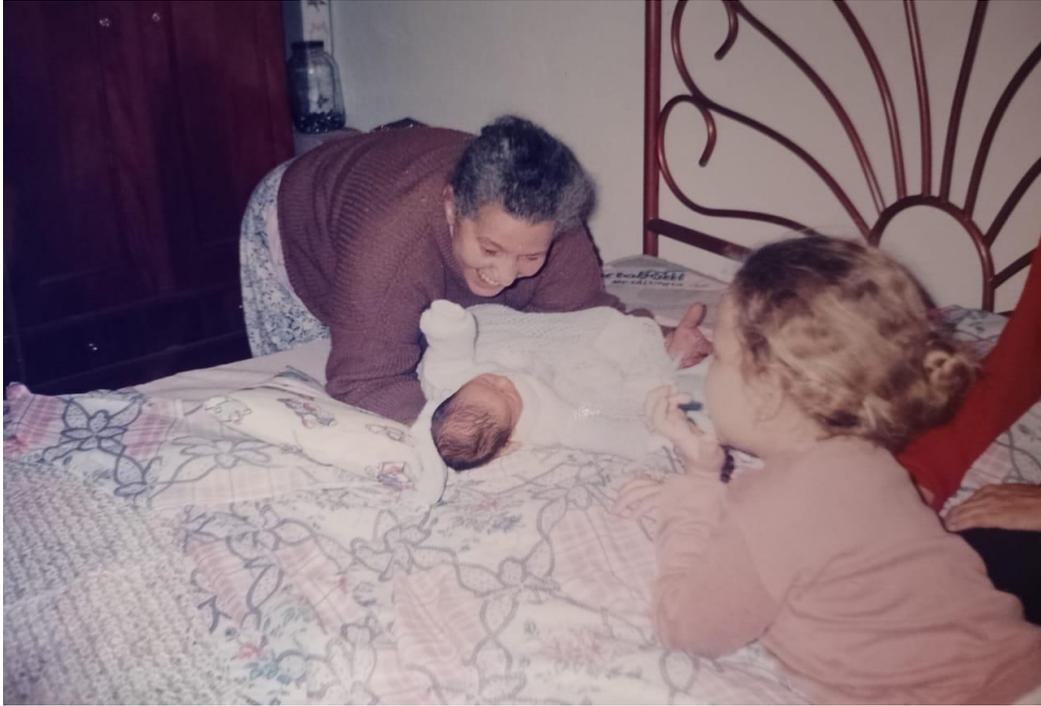
Talvez seja no ponto de mutação entre a palavra órfã e a partícula afetiva que o devir-animal se transforma em um devir-molecular⁸. A palavra órfã é, então, tanto feiticeira quanto enfeitçada. Ela tanto rola no espaço liminar em que habita o feiticeiro, quanto se permite transformar em outra coisa, cada vez mais imperceptível, e do imperceptível, novamente algo visível: as comunidades ilegítimas.

Em 1972 minha avó desapareceu, voltando a aparecer sabe-se lá quanto tempo depois. Recentemente perguntei aos seus filhos a explicação de tal desapareção. Cada um deles me contou uma versão para o que aconteceu com ela. Meu pai acredita que ela foi presa pela ditadura e que passou um ano fora (afinal, era uma matilha comunista que habitava naquela pequena casa). Tia Sheila, por outro lado, diz que foram apenas 45 dias e que, na verdade, Zilma estava internada em um hospital por causa de um infarto. Tio João diz que ela passou apenas um dia presa e, um ano depois, foi internada por algo que ninguém sabe explicar. Foi no retorno desse internamento que ela decidiu adotar Naira, que por acaso nasceu no mesmo hospital em que minha avó estava internada.

Não há verdade a ser alcançada hoje, justamente por Zilma seguir sendo enfeitçada e feiticeira das palavras mortas. Ela pode ter sido presa e dito à minha tia que era um internamento, no intuito de evitar maiores angústias. Ou ela pode ter sido internada e meu avô ter contado uma história sobre prisões e torturas para o meu pai, talvez para brincar com sua cabeça infantil ou, quem sabe, para incitar um posicionamento político nos filhos ainda crianças. Mas minha avó segue rolando entre esses possíveis, como se seu nome agora fosse um espaço de composições infinitas. No final, o que me resta é aquela imagem das várias mulheres órfãs que compunham nossa antiga matilha. E como toda órfã é uma precursora em potencial, penso nas minhas primas fazendo correr outras letras sem destino, letras que podem desenhar novos bandos por vir.

⁷ *Políticas da escrita.*

⁸ *Mil Platôs 4.*



Zilma, priminho e Monique

Observação: Esse texto foi escrito a partir de memórias e fantasias infantis, podendo não condizer com verdades factuais.

Referências

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. New Haven: Yale University Press, 2000.

GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. São Paulo: Editora 34, 2017.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Recebido em 19/02/2023

Aprovado em 10/05/2023

Revista de Letras Norte@mentos